

CM 15.4.52  
M 126  
Radio 9.3.63  
ELE & IPA - Nr. 42 - mº 118

RN 155

*vestido de preto*

**RUBEM BRAGA**

# HOMEM NA CALÇADA DA PRAIA

UM homem triste, magro e maduro está na calçada e sua jovem e linda amada está na praia, está no mar. Vestido de escuro, com sapatos prêtos, êle não ousa descer à areia; sentir-se-ia ridículo como um corvo, entre a clara e môça gente descalça e desnuda que salta atrás da peteca ou da bola, que avança para receber no peito o baque da onda — ou que apenas, de olhos semicerrados, fica deitada ao sol.

Passa um menino vendendo laranjas, e êle está com sêde, mas não ousa comprar uma; sua namorada pode vê-lo, e então êle ficaria sem jeito por estar chupando uma laranja, assim na calçada — afinal de contas na rua —, vestido como um senhor que anda na rua.

Entretanto a môça não o vê; está sentada na areia, lá longe, conversando com a prima; de vez em quando apanha um punhado de areia, depois a deixa escoar entre os dedos enquanto fala; às vêzes ri devagarinho, ou move a cabeça. Que estará dizendo? Uma suspeita péssima invade, lentamente, o peito do homem vestido de escuro, de sapato prêto; ela está falando dêle com a prima, caçoando de seu amor de homem casado por môça solteira, de seus galanteios meio antiquados, de sua tristeza, de sua angústia. Talvez esteja dizendo: “aquêlê velho bôbo”; entretanto a diferença é apenas de 11 anos, vamos dizer, 12, mas vamos e venhamos, não é diferença tão grande assim de homem para mulher. O pior é que êle se sente perfeitamente môço, apenas o que lhe dá sensação de velhice é exatamente aquêlê seu amor por aque-

la môça, aquela môça com seu jeito mais sôlto e tão engraçado, meio absurdo de dizer e fazer as coisas, sim, bem diferente das môças de Curitiba há dez anos atrás, pensa o homem.

“Ela acha graça no que eu acho tolo, acha tolo o que eu acho grave”, pensa êle, sentindo calor nos pés apertados dentro dos sapatos prêtos, sentindo calor na cabeça onde a calvície começa a marchar para trás.

Por que não veio de calção? Teve pudor de seu corpo muito branco entre aquela gente queimada de sol; deveria vir à praia sòzinho alguns dias, para depois encontrá-la, mas talvez nem a isso se animasse, sentindo-se quase ridículo, em sua magreza, diante de tantos rapazes atletas de tórax triangular. Ela naturalmente haveria de preferir um dêsses moços fortes e idiotas. Por que idiotas? — perguntou a si mesmo o homem de roupa bem escura, depois de pensar essa palavra. Em princípio não tinha o direito de julgar aquêles rapazes idiotas; era simples despeito.

De repente sentiu que o calor estava ficando insuportável, e sua tristeza muito pungente; era doloroso estar ali olhando de longe aquela môça de maiô azul que *conversava* com a outra sem pensar nêle, e que talvez risse se o avistasse, risse de sua figura escura, magra, lamentável. Ia passando um táxi, êle deu um grito, o carro parou. Deu o enderêço de casa, encontrou a mulher ralhando com uma criança, entrou tirando o paletó:

— Hoje está um calor danado.

M-565 16-2-63